

LUTO E MELANCOLIA (1917 [1915])

TÍTULO ORIGINAL: "TRAUER UND
MELANCHOLIE". PUBLICADO PRIMEIRAMENTE
EM *INTERNATIONALE ZEITSCHRIFT FÜR
ÄRZTLICHE PSYCHOANALYSE* [REVISTA
INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE MÉDICA],
V. 4, N. 6, PP. 288-301. TRADUZIDO
DE *GESAMMELTE WERKE* X, PP. 428-46;
TAMBÉM SE ACHA EM *STUDIENAUSGABE* III,
PP. 193-212.

Depois que o sonho nos serviu como modelo normal dos distúrbios psíquicos narcísicos, façamos a tentativa de elucidar a natureza da melancolia, comparando-a com o afeto normal do luto.* Mas desta vez temos que admitir algo de antemão, para evitar uma superestimação de nossos resultados. A melancolia, cuja definição varia mesmo na psiquiatria descritiva, apresenta-se em variadas formas clínicas, cujo agrupamento numa só unidade não parece estabelecido, e das quais algumas lembram antes afecções somáticas** do que psicogênicas. Sem contar as impressões disponíveis a qualquer observador, nosso material se limita a um pequeno número de casos, cuja natureza psicogênica não permitia dúvida. Assim, desde já renunciamos a toda pretensão de validade universal para nossas conclusões, e nos consolamos na reflexão de que, dados os nossos atuais meios de pesquisa, dificilmente poderíamos encontrar algo que não fosse *típico*, se não de toda uma classe de afecções, ao menos de um grupo menor delas.

A associação de luto com melancolia mostra-se justificada pelo quadro geral desses dois estados.¹ Neles também coincidem as causas oriundas das interferências da vida, ao menos onde é possível enxergá-las. Via de regra, luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc. Sob as mesmas influências observamos, em algumas pessoas, melancolia em vez de luto, e por isso suspeitamos que nelas exista uma predisposição patológica. Também é digno de nota que jamais nos ocorre ver o luto como um estado patológico e indicar tratamento médico para ele, embora ocasione um sério afastamento da conduta normal da vida. Confiamos em que será superado após certo tempo, e achamos que perturbá-lo é inapropriado, até mesmo prejudicial.

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento* doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima,** que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição. Esse quadro se torna mais compreensível para nós se

consideramos que o luto exhibe os mesmos traços, com exceção de um: nele a autoestima não é afetada. De resto é o mesmo quadro. O luto profundo, a reação à perda de um ente amado, comporta o mesmo doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo — na medida em que não lembra o falecido —, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor — o que significaria substituir o pranteado —, o afastamento de toda atividade que não se ligue à memória do falecido. Logo vemos que essa inibição e restrição do Eu exprime uma exclusiva dedicação ao luto, em que nada mais resta para outros intuitos e interesses. Na verdade, esse comportamento só não nos parece patológico porque sabemos explicá-lo bem.

Também admitiremos a comparação que qualifica de “doloroso” o estado de ânimo do luto. A justificativa para isso provavelmente ficará clara quando pudermos caracterizar a dor do ponto de vista econômico.

Em que consiste o trabalho realizado pelo luto? Não me parece descabido expor esse trabalho da forma seguinte. O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto. Isso desperta uma compreensível oposição — observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se anuncia. Essa oposição pode ser tão intensa que se produz um afastamento da realidade e um apego ao objeto mediante uma psicose de desejo alucinatória (ver o ensaio anterior). O normal é que vença o respeito à realidade. Mas a solicitação desta não pode ser atendida imediatamente. É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique. Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido. Não é fácil fundamentar economicamente por que é tão dolorosa essa operação de compromisso em que o mandamento da realidade pouco a pouco se efetiva. É curioso que esse doloroso desprazer nos pareça

natural. Mas o fato é que, após a consumação do trabalho do luto, o Eu fica novamente livre e desimpedido.*

Apliquemos agora à melancolia o que verificamos sobre o luto. Numa série de casos, é evidente que também ela pode ser reação à perda de um objeto amado; em outras ocasiões, nota-se que a perda é de natureza mais ideal. O objeto não morreu verdadeiramente, foi perdido como objeto amoroso (o caso de uma noiva abandonada, por exemplo). Em outros casos ainda, achamos que é preciso manter a hipótese de tal perda, mas não podemos discernir claramente o que se perdeu, e é lícito supor que tampouco o doente pode ver conscientemente o que perdeu. Esse caso poderia apresentar-se também quando a perda que ocasionou a melancolia é conhecida do doente, na medida em que ele sabe *quem*, mas não *o que* perdeu nesse alguém. Isso nos inclinaria a relacionar a melancolia, de algum modo, a uma perda de objeto subtraída à consciência; diferentemente do luto, em que nada é inconsciente na perda.

No luto, vimos a inibição e a ausência de interesse explicadas totalmente pelo trabalho do luto que absorve o Eu. Na melancolia, a perda desconhecida terá por consequência um trabalho interior semelhante, e por isso será responsável pela inibição que é própria da melancolia. Mas a inibição melancólica nos parece algo enigmático, pois não conseguimos ver o que tanto absorve o doente. O melancólico ainda nos apresenta uma coisa que falta no luto: um extraordinário rebaixamento da autoestima,* um enorme empobrecimento do Eu. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu. O doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo. Degrada-se diante dos outros; tem pena de seus familiares, por serem ligados a alguém tão indigno. Não julga que lhe sucedeu uma mudança, e estende sua autocrítica ao passado; afirma que jamais foi melhor. O quadro desse delírio de pequenez — predominantemente moral — é completado com insônia, recusa de alimentação e uma psicologicamente notável superação do instinto que faz todo vivente se apegar à vida.

Tanto do ponto de vista científico como do terapêutico seria infecundo contradizer o paciente que faz essas acusações ao próprio Eu. De algum modo ele deve ter razão, deve descrever algo que se passa tal como lhe parece. Algumas de suas afirmações temos de confirmar imediatamente, sem restrições. Ele se acha realmente sem interesse, incapaz para o amor e para realizar coisas, tal como diz. Mas isso é secundário, como sabemos; é consequência do trabalho interno que consome seu Eu, trabalho que desconhecemos, comparável ao luto. Em algumas outras autoincriminações o paciente também nos parece ter razão e apenas apreender a verdade de maneira mais aguda do que outros, que não são melancólicos. Quando, em exacerbada autocrítica, ele pinta a si mesmo como uma pessoa mesquinha, egoísta, insincera, sem autonomia, que sempre buscou apenas ocultar as fraquezas do seu ser, pode ocorrer, pelo que sabemos, que tenha se aproximado bastante do autoconhecimento, e perguntamo-nos apenas por que é necessário adoecer para alcançar uma verdade como essa. Pois não há dúvida de que quem chega a essa avaliação de si mesmo e a expressa diante dos outros — avaliação similar à que o príncipe Hamlet faz de si e de todos os outros² — está doente, quer diga a verdade, quer seja mais ou menos injusto consigo. Tampouco é difícil notar que não existe correspondência, a nosso ver, entre a escala do autoenvilecimento e sua real justificação. Uma mulher que sempre foi boa, zelosa e capaz não falará melhor de si mesma, na melancolia, do que uma verdadeiramente imprestável; e talvez ela tenha maior probabilidade de adoecer de melancolia do que a outra, da qual nada saberíamos falar de bom. Deve nos chamar a atenção, por fim, que o melancólico não age exatamente como alguém compungido de remorso e autorrecriminação de maneira normal. Ele carece da vergonha diante dos outros, que seria a principal característica desse estado, ou ao menos não a exhibe de forma notável. No melancólico talvez possamos destacar um traço oposto, uma insistente comunicabilidade que acha satisfação no desnudamento de si próprio.

Não é essencial, portanto, saber se o melancólico está correto em sua pensosa autodepreciação, até que ponto sua crítica coincide com o julgamento dos outros. A questão é, isto sim, que ele descreve corretamente sua situação psicológica. Ele perdeu o amor-próprio* e deve ter tido boas razões para isso. Mas assim nós nos vemos ante uma discrepância, que coloca um problema de difícil solução. Fazendo analogia com o luto, concluímos que ele sofreu uma perda relativa ao objeto; suas declarações indicam uma perda no próprio Eu.

Antes de lidarmos com essa discrepância, detenhamo-nos por um momento na visão que a doença do melancólico nos oferece da constituição do Eu humano. Vemos como uma parte do Eu se contrapõe à outra, faz dela uma avaliação crítica, toma-a por objeto, digamos. Nossa suspeita de que a instância crítica aí dissociada do Eu poderia, em outras condições, demonstrar também sua autonomia, será confirmada em toda observação posterior. Realmente encontraremos motivo para separar essa instância do resto do Eu. Aqui trabalhamos conhecimento com a instância habitualmente chamada de *consciência moral*;^{**} nós a incluiremos entre as grandes instituições do Eu, ao lado da censura da consciência e do exame da realidade, e encontraremos provas de que é capaz de adoecer por si própria. No quadro clínico da melancolia, a insatisfação moral com o próprio Eu é destacada relativamente a outras coisas: defeitos físicos, feiúra, debilidade, inferioridade social, muito mais raramente são objeto da autoavaliação; só o empobrecimento ocupa lugar privilegiado entre os temores ou dizeres do paciente.

A discrepância mencionada pode ser esclarecida por meio de uma observação que não é difícil de fazer. Ouvindo com paciência as várias autoacusações de um melancólico, não conseguimos, afinal, evitar a impressão de que frequentemente as mais fortes entre elas não se adequam muito a sua própria pessoa, e sim, com pequenas modificações, a uma outra, que o doente ama, amou ou devia amar. Toda vez que examinamos o fato, essa suposição é confirmada. De maneira que temos a chave para o quadro clínico, ao perceber as

recriminações a si mesmo como recriminações a um objeto amoroso, que deste se voltaram para o próprio Eu.

A mulher que deplora o fato de seu marido se achar ligado a uma mulher tão incapaz está, na verdade, acusando a incapacidade do marido, em qualquer sentido que esta seja entendida. Não devemos nos admirar muito de que haja algumas autorrecriminações genuínas entre aquelas voltadas contra si mesmo; permite-se que elas apareçam porque ajudam a ocultar as demais e a impossibilitar o conhecimento da situação; elas se originam também dos prós e contras no conflito amoroso que levou à perda amorosa. A conduta dos doentes também fica mais compreensível agora. Para eles, queixar-se é dar queixa, no velho sentido do termo.* Não se envergonham nem se escondem, pois tudo de desabonador que falam de si mesmos se refere, no fundo, a outra pessoa. E estão longe de mostrar, para com aqueles a seu redor, a humildade e a sujeição que convêm a pessoas tão indignas; pelo contrário, são extremamente importunos, agindo sempre como que ofendidos, como se lhes tivesse sido feita uma grande injustiça. Isso tudo é possível apenas porque as reações exibidas nesse seu comportamento ainda vêm da constelação psíquica da revolta, que, por um determinado processo, foi transportada para a compunção melancólica.

Não há dificuldade, então, em reconstruir esse processo. Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma *real ofensa ou decepção* vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal — a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo —, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetual demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma *identificação* do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a

pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação.

Uma ou duas coisas podem ser diretamente inferidas* dos pressupostos e resultados de tal processo. Por um lado, deve ter havido uma forte fixação no objeto amoroso; por outro, e contrariando isso, uma pequena resistência do investimento objetal. Essa contradição parece requerer, conforme uma pertinente observação de Otto Rank, que a escolha objetal tenha ocorrido sobre base narcísica, de modo que o investimento objetal possa, ao lhe aparecerem dificuldades, regredir ao narcisismo. A identificação narcísica com o objeto se torna, então, substituto do investimento amoroso, do que resulta que a relação amorosa não precisa ser abandonada, apesar do conflito com a pessoa amada. Tal substituição do amor objetal pela identificação é um mecanismo importante nas afecções narcísicas; Karl Landauer pôde mostrá-la recentemente no processo de cura de uma esquizofrenia.³ Corresponde, naturalmente, à *regressão* de um tipo de escolha de objeto ao narcisismo original. Expusemos, em outro lugar, que a identificação é o estágio preliminar da escolha de objeto, e o primeiro modo, ambivalente em sua expressão, como o Eu destaca um objeto. Ele gostaria de incorporar esse objeto, e isso, conforme a fase oral ou canibal do desenvolvimento da libido, por meio da devoração. Abraham relaciona a isso, justificadamente, a recusa de alimentação que se apresenta na forma grave do estado melancólico.

A conclusão que pede nossa teoria, de que a predisposição a adoecer de melancolia, ou parte dela, reside na predominância do tipo narcísico de escolha de objeto, infelizmente ainda carece de confirmação através da pesquisa. Nas frases iniciais deste estudo reconheci que o material empírico em que ele se baseia não satisfaz nossas pretensões. Se nos fosse permitido supor que a observação concorda com nossas inferências, não hesitaríamos em acolher em nossa caracterização da melancolia a regressão do investimento objetal à fase oral da libido, ainda pertencente ao narcisismo. Identificações com o objeto também não são raras nas neuroses de transferência, são mesmo um conhecido

mecanismo de formação de sintomas, sobretudo na histeria. Mas podemos enxergar a diferença entre a identificação narcísica e a histórica no fato de naquela o investimento objetal ser abandonado, enquanto nesta ele persiste e mostra influência, que geralmente se limita a determinadas ações e inervações isoladas. De todo modo, também nas neuroses de transferência a identificação é expressão de algo em comum, que pode ser amor. A identificação narcísica é a mais antiga e nos abre o caminho para o entendimento da identificação histórica, menos estudada.

Portanto, a melancolia toma uma parte de suas características do luto e outra parte da regressão, da escolha de objeto narcísica para o narcisismo. Ela é, por um lado, como o luto, reação à perda real do objeto amoroso, mas além disso é marcada por uma condição que se acha ausente no luto normal, ou que, quando aparece, transforma-o em patológico. A perda do objeto amoroso é uma excelente ocasião para que a ambivalência das relações amorosas sobressaia e venha à luz. Quando existe predisposição para a neurose obsessiva, o conflito da ambivalência empresta ao luto uma configuração patológica e o leva a se exprimir em forma de autorrecriminações, nas quais o indivíduo mesmo teria causado — isto é, desejado — a perda do objeto de amor. Essas depressões neurótico-obsessivas que se seguem à morte de pessoas amadas nos mostram o que o conflito da ambivalência realiza por si só, quando não há também uma retração regressiva da libido. As ocasiões para a melancolia geralmente não se limitam ao caso muito claro de perda em virtude da morte, e abrangem todas as situações de ofensa, menosprezo e decepção, em que uma oposição de amor e ódio pode ser introduzida na relação, ou uma ambivalência existente pode ser reforçada. Entre as precondições da melancolia não devemos negligenciar esse conflito da ambivalência, que ora se origina na realidade, ora na constituição do indivíduo. Se o amor ao objeto — a que não se pode renunciar, quando se tem de renunciar ao objeto mesmo — refugia-se na identificação narcísica, o ódio atua em relação a esse objeto substitutivo, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo uma satisfação sádica

desse sofrimento. O automartírio claramente prazeroso da melancolia significa, tal como o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio⁴ relativas a um objeto, que por essa via se voltaram contra a própria pessoa. Nas duas afecções os doentes habitualmente conseguem, através do rodeio da autopunição, vingar-se dos objetos originais e torturar seus amores por intermédio da doença, depois que se entregaram a ela para não ter de lhes mostrar diretamente sua hostilidade. A pessoa que provocou o distúrbio afetivo do doente, e para a qual está orientada sua doença, normalmente se encontra no círculo imediato dele. Assim, o investimento amoroso do melancólico em seu objeto experimentou um duplo destino: parte dele regrediu à identificação, mas outra parte, sob a influência do conflito da ambivalência, foi remetida de volta ao estágio do sadismo, mais próximo desse conflito.

Apenas esse sadismo nos resolve o enigma da inclinação ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante — e tão perigosa. Nós percebemos, como o estado primordial de onde parte a vida instintual, um tão formidável amor do Eu a si próprio, vemos liberar-se, na angústia gerada pela ameaça à vida, um tal montante de libido narcísica, que não entendemos como esse Eu pode consentir na sua própria destruição. Há muito sabíamos, é verdade, que um neurótico não abriga ideias de suicídio que não venham de um impulso homicida em relação a outros, voltado contra si; mas era incompreensível o jogo de forças em que tal intenção consegue se tornar ato. Agora a análise da melancolia nos ensina que o Eu pode se matar apenas quando, graças ao retorno do investimento objetal, pode tratar a si mesmo como um objeto, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que diz respeito a um objeto, e que constitui a reação original do Eu a objetos do mundo externo (ver “Os instintos e seus destinos”). Assim, na regressão da escolha de objeto narcísica o objeto foi eliminado, é verdade, mas demonstrou ser mais poderoso que o próprio Eu. Nas duas situações opostas do total enamoramento e do suicídio, o Eu é subjugado pelo objeto, embora por caminhos inteiramente diversos.

Quanto a uma característica notável da melancolia, a proeminência do medo de empobrecer, é plausível supor que deriva do erotismo anal arrancado de seus vínculos e transformado regressivamente.

A melancolia nos situa perante outras questões ainda, para as quais não temos todas as respostas. O fato de desaparecer após um certo tempo, sem deixar traço de grandes mudanças, é uma característica que partilha com o luto. No caso deste, tivemos a explicação de que é preciso tempo para a detalhada execução do mandamento do exame da realidade, e depois desse trabalho o Eu tem liberada do objeto perdido a sua libido. Podemos imaginar o Eu ocupado em trabalho semelhante na melancolia; nos dois casos, falta-nos a compreensão econômica do processo. A insônia, na melancolia, atesta provavelmente a rigidez do estado, a impossibilidade de cumprir a retirada geral de investimentos que o sono requer. O complexo da melancolia se comporta como uma ferida aberta, de todos os lados atrai energias de investimento (que chamamos de “contrainvestimentos” no caso das neuroses de transferência) e esvazia o Eu até o completo empobrecimento; com facilidade pode se mostrar resistente ao desejo de dormir do Eu. Um fator provavelmente somático, que não se explica de forma psicogênica, apresenta-se na atenuação que costuma ocorrer nesse estado depois que anoitece. Ligada a essas observações está a questão de se não bastaria uma perda no Eu, sem consideração do objeto, para produzir o quadro da melancolia, e se um empobrecimento tóxico direto da libido do Eu não poderia resultar em certas formas da doença.

A peculiaridade mais singular e mais carente de explicação, na melancolia, consiste na tendência a se transformar em mania, um estado com sintomas opostos aos dela. Não é toda melancolia que tem esse destino, como se sabe. Muitos casos evoluem com recidivas periódicas, em cujos intervalos percebemos muito pouca — ou nenhuma — tonalidade de mania. Outros exibem a regular alternância de fases melancólicas e maníacas que levou à proposição de uma loucura cíclica. Seria tentador não apreender esses casos como

psicogênicos, se o trabalho psicanalítico não tivesse permitido solucionar e influir terapêuticamente em vários deles. Portanto, é não apenas lícito, mas até mesmo imperioso estender à mania a explicação psicanalítica da melancolia.

Não posso prometer que essa tentativa será completamente satisfatória. Na realidade, ela deve apenas tornar possível uma orientação inicial. Dispomos, aqui, de dois pontos para nos sustentarmos: o primeiro, uma impressão psicanalítica; o outro, o que poderíamos chamar de uma experiência econômica geral. A impressão, já comunicada por diversos pesquisadores psicanalíticos, é que a mania não tem conteúdo diferente da melancolia, que as duas afecções lutam com o mesmo “complexo”, ao qual o Eu provavelmente sucumbe na melancolia, enquanto na mania ele o sobrepuja ou põe de lado. O outro ponto de partida nos é dado pela experiência de que em todos os estados de alegria, júbilo, triunfo, que nos fornecem o modelo normal da mania, percebem-se os mesmos determinantes econômicos. Nesses estados, uma interferência torna afinal desnecessário um grande dispêndio de energia psíquica por muito tempo mantido ou feito por hábito, de modo que ela fica disponível para outros usos e possibilidades de descarga. Por exemplo, quando um pobre-diabo é subitamente aliviado da crônica preocupação em obter o pão diário, ao ganhar uma enorme soma de dinheiro; quando uma prolongada e trabalhosa peleja é finalmente coroada de êxito; quando alguém consegue livrar-se de uma só vez de uma opressiva coerção, de uma dissimulação que se arrastou por longo tempo etc. Todas essas situações se distinguem pelo ânimo elevado, pelos sinais de descarga de uma emoção jubilosa e por uma maior propensão a todo tipo de ação, exatamente como a mania e em absoluto contraste com a depressão e a inibição que há na melancolia. Podemos arriscar a afirmação de que a mania não é senão um triunfo desse tipo, com a diferença de que nela permanece oculto ao Eu aquilo que superou e sobre o que está triunfando. A embriaguez alcoólica, que pertence à mesma classe de estados, poderá — na medida em que for alegre — ser explicada da mesma forma; trata-se provavelmente da suspensão, obtida por via tóxica, do dispêndio com a repressão. A opinião

leiga tende a imaginar que a pessoa em tal condição maníaca tem muito gosto no movimento e na ação porque está “bem-disposta”. Esse falso vínculo deve ser desfeito, naturalmente. Foi cumprida a mencionada condição econômica na psique; por causa disso a pessoa se acha, por um lado, de ânimo tão alegre, e de outro, tão desinibida na ação.

Se reunimos esses dois pontos, temos o seguinte. Na mania, o Eu tem de haver superado a perda do objeto (ou o luto devido à perda, ou talvez o próprio objeto), e fica então disponível todo o montante de contrainvestimento que o doloroso sofrimento da melancolia havia atraído do Eu e vinculado. Ao lançar-se como um faminto em busca de novos investimentos de objeto, o maníaco também mostra inequivocamente sua libertação do objeto com o qual sofreu.

Essa explicação soa plausível, mas é, primeiro, ainda pouco precisa e, segundo, faz surgirem mais questões e dúvidas do que podemos responder. Não nos furtaremos a uma discussão delas, ainda que não possamos esperar, através dessa discussão, encontrar o caminho da clareza.

Em primeiro lugar, o luto normal também supera a perda do objeto e absorve, enquanto dura, todas as energias do Eu. Por que então, uma vez decorrido, não há sequer indícios de se produzir a condição econômica para uma fase de triunfo? Acho impossível responder de imediato a essa objeção. Ela nos lembra que nem mesmo somos capazes de dizer por quais meios econômicos o luto realiza sua tarefa. Mas talvez uma conjectura possa ajudar quanto a isso. A cada uma das recordações e expectativas que mostram a libido ligada ao objeto perdido, a realidade traz o veredicto de que o objeto não mais existe, e o Eu, como que posto diante da questão de partilhar ou não esse destino, é convencido, pela soma das satisfações narcísicas em estar vivo, a romper seu vínculo com o objeto eliminado. Podemos imaginar que esse rompimento ocorra de modo tão lento e gradual que, ao fim do trabalho, também o dispêndio que ele requeria foi dissipado.⁵

É tentador buscar, a partir dessa conjectura sobre o trabalho do luto, o caminho para uma descrição do trabalho da melancolia. Nisso logo deparamos com uma incerteza. Até o momento quase não consideramos o ponto de vista topológico na melancolia, e não nos perguntamos em quais e entre quais sistemas psíquicos acontece o trabalho da melancolia. Dos processos psíquicos dessa afecção, o que ainda se passa relacionado aos investimentos objetivos inconscientes abandonados, e o que relacionado a seu substituto por identificação, dentro do Eu?

A resposta rápida e fácil seria que a “representação inconsciente (da coisa) do objeto* é abandonada pela libido”. Mas na realidade essa representação é constituída de inúmeras impressões singulares (traços inconscientes delas) e a execução dessa retirada de libido não pode ser um evento momentâneo, e sim, como no luto, um processo demorado, de lento progresso. É difícil dizer se começa em muitos lugares ao mesmo tempo ou se comporta alguma sequência determinada; nas análises pode-se frequentemente verificar que ora esta, ora aquela recordação é ativada, e que as queixas sempre iguais, fatigantes em sua monotonia, têm origem numa fundamentação inconsciente, diferente a cada vez. Se o objeto não tem para o Eu uma grande significação, reforçada por mil nexos, então sua perda não é capaz de produzir luto ou melancolia. Portanto, a característica de executar passo a passo o desligamento da libido deve ser atribuída igualmente ao luto e à melancolia, baseia-se provavelmente na mesma situação* econômica e serve às mesmas tendências.

Mas a melancolia, como vimos, tem algo mais no conteúdo que o luto normal. Nela a relação com o objeto não é simples, sendo complicada pelo conflito da ambivalência. Essa é ou constitucional, isto é, própria de todo vínculo amoroso desse Eu, ou nasce das vivências ocasionadas pela ameaça da perda do objeto. Por isso a melancolia, no tocante aos motivos, pode ultrapassar bastante o luto, que via de regra é desencadeado somente pela perda real, a morte do objeto. Portanto, na melancolia travam-se inúmeras batalhas em torno do objeto, nas quais ódio e amor lutam entre si, um para desligar a libido

do objeto, o outro, para manter essa posição da libido contra o ataque. Não podemos situar essas lutas em outro sistema que não o *Ics*, a região dos traços mnemônicos das coisas (em oposição aos investimentos de palavras). Lá também ocorrem as tentativas de desligamento no luto, mas nesse último nada impede que esses processos continuem pela via normal até a consciência, através do *Pcs*. Esse caminho se acha bloqueado para o trabalho da melancolia, talvez devido a muitas causas ou à ação conjunta de causas. A ambivalência constitucional pertence, em si, ao reprimido; as vivências traumáticas com o objeto podem ter ativado outro material reprimido. Assim, tudo que diz respeito a esses conflitos da ambivalência permanece subtraído à consciência, até que sobrevém o desenlace característico da melancolia. Ele consiste, como sabemos, em que o investimento libidinal ameaçado abandona finalmente o objeto, mas apenas a fim de se retirar para o lugar do Eu, de onde havia partido. Refugiando-se no Eu, o amor escapa à eliminação. Após essa regressão da libido, o processo pode se tornar consciente e é representado na consciência como um conflito entre uma parte do Eu e a instância crítica.

Portanto, o que a consciência vem a saber do trabalho da melancolia não é a parte essencial dele, nem aquela a que podemos atribuir influência na resolução da doença. Vemos que o Eu se deprecia e se enraivece consigo, e, assim como o doente, não compreendemos aonde isso pode levar e como pode mudar. É antes à parte inconsciente do trabalho que podemos atribuir aquela função, pois não é difícil enxergar uma analogia essencial entre o trabalho do luto e o da melancolia. Assim como o luto leva o Eu a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo, do mesmo modo cada conflito da ambivalência relaxa a fixação da libido no objeto, desvalorizando-o, depreciando-o, até abatendo-o, por assim dizer. Há a possibilidade de que o processo chegue ao fim no sistema *Ics*, seja após a raiva ter se esgotado, seja após o objeto haver sido abandonado por não ter valor. Ignoramos qual dessas duas possibilidades põe fim à melancolia regularmente ou com maior frequência, e como esse término influencia o curso

posterior do caso. Nisso o Eu talvez desfrute a satisfação de poder se enxergar como o melhor, como superior ao objeto.

Ainda que aceitemos essa concepção do trabalho da melancolia, ela não pode nos fornecer a explicação que procuramos. Analogias tomadas de outras áreas poderiam apoiar nossa expectativa de derivar a condição econômica para o surgimento da mania, após transcorrida a melancolia, da ambivalência que governa essa afecção; mas há um fato que desmente essa expectativa. Dos três pressupostos da melancolia — perda do objeto, ambivalência e regressão da libido para o Eu —, os dois primeiros são também encontrados em recriminações obsessivas após casos de morte. Nestes é a ambivalência que certamente constitui a mola do conflito, e a observação mostra que, passado ele, nada resta que semelhe o triunfo de uma disposição maníaca. Isso nos leva a considerar o terceiro fator como o único influente. Aquele acúmulo de investimento inicialmente vinculado, que após o término do trabalho da melancolia é liberado e torna possível a mania, deve estar ligado à regressão da libido ao narcisismo. O conflito no Eu, que a melancolia troca pela luta pelo objeto, deve atuar como uma dolorosa ferida que pede um contrainvestimento extraordinariamente elevado. Mas será conveniente nos determos aqui, e deixar um maior esclarecimento da mania para quando tivermos alguma compreensão da natureza econômica da dor física, primeiramente, e depois da dor psíquica que lhe é análoga. Pois bem sabemos que a inter-relação dos complexos problemas psíquicos nos faz interromper cada investigação e deixá-la inconclusa, até que os resultados de uma outra possam vir em auxílio dela.⁶

* "Luto": *Trauer*; é pertinente registrar que esse termo alemão significa tanto "luto" como "tristeza"; assim, o equivalente em português do adjetivo *traurig* é "triste".

** No original, *somatisch*; aqui caberia, provavelmente, o termo "orgânicas", pois uma doença somática ainda pode ser psicossomática.

1 Abraham, a quem devemos o mais relevante dos poucos estudos psicanalíticos sobre o tema, também partiu dessa comparação [em *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. 2, n. 6, 1912].

* "Abatimento": *Verstimmung*, no original. Além das versões indicadas numa nota a "Os instintos e seus destinos" (p. 59), foram consultadas duas outras, ao se traduzir este ensaio: uma em português, assinada por Marilene Carone (*Jornal de Psicanálise*, v. 36, 1985) e mais uma em francês, por J. Laplanche e J.-B. Pontalis, no volume *Métapsychologie* (Paris: Gallimard, 1968). Eis o que todas elas apresentam nesse caso: "desânimo", *estado de animo*, *desazón*, *scoramento*, *dépression*, *humeur dépressive*, *dejection*.

** "Autoestima": *Selbstgefühl*, que também pode ser traduzido por "amor-próprio" — nas versões consultadas encontramos: "sentimento de autoestima", *amor propio*, *sentimiento de si*, *sentimiento di sé*, *sentiment d'estime de soi*, *sentiment de soi*, *self-regarding feelings*; na tradução de Marilene Carone, uma nota chama a atenção para o prefixo *selbst*, para o grande número de palavras em que ele aparece, e afirma que "a profusão de termos *selbst* certamente encontra seu sentido mais profundo na articulação teórica do próprio texto e reflete a importância do movimento de retorno à própria pessoa, descrito em 'Pulsões e seus destinos' [ela prefere 'pulsão' para *Trieb*] como o segundo destino pulsional".

* "Desinibido": *ungehemmt*, cuja tradução literal, adotada nas outras versões, é "não inibido, desinibido"; mas adotamos aqui essa alternativa, por considerar que em português — no português do Brasil, pelo menos — "desinibido" denota alguém descontraído, extrovertido. O verbo *hemmen* significa "obstruir, impedir, deter, estorvar", mas seu substantivo, *Hemmung*, é normalmente traduzido por "inibição", como no título *Inibição, sintoma e angústia*, o que implica um certo abrandamento do significado original, a nosso ver.

* O termo aqui usado por Freud é *Ichgefühl*, variante-sinônimo de *Selbstgefühl*, e por isso traduzido pelo equivalente desse (cf. nota à p. 172). Das versões consultadas, quatro mantiveram essa tradução, enquanto a nova espanhola (argentina) e as duas francesas preferiram, mais literalmente, *sentimiento yoico*, *sentiment d'estime du moi* e *sentiment du moi*.

2 "Use every man after his desert, and who should scape whipping?" [Trate cada homem conforme seu mérito, e quem escapará do açoite?] (*Hamlet*, ato II, cena 2).

* "Amor-próprio": *Selbstachtung*, que nas versões consultadas foi traduzido por: "autorrespeito", *propia estimación*, *respeto por si mismo*, *rispetto di sé*, *respect de soi*, idem, *self-regard*.

** "Consciência moral": *Gewissen*; a língua alemã tem essa palavra para designar a consciência moral e uma outra, *Bewußtsein*, para a consciência psicológica — diferentemente das línguas

românicas, em que "consciência" tem os dois sentidos; cf. Nietzsche, *Além do bem e do mal*, op. cit., nota 14.

* "Para eles, queixar-se é dar queixa": *Ihre Klagen sind Anklagen*. Foi adotada a solução de Marilene Carone, que conserva o jogo de palavras do original. Das demais versões consultadas, a segunda em espanhol, que utiliza "queixa" e "querela", seria outra opção em português; eis o que elas dizem: *Sus lamentos son quejas, Sus quejas {Klagen} [sic; entre chaves] son realmente querellas {Anklagen}*, *Le loro "lamentele" sono "lagnanze"*, *Leurs plaintes sont des plaintes portées contre, Leurs plaintes sont des plaintes accusatrices, Their complaints are really 'plaints'*. Quase todas incluem nota com os termos originais.

* O problemático verbo *erraten* foi traduzido por "inferir" nessa frase; as versões consultadas oferecem: "perceber", *deducir, coligir*, omissão na italiana, *deviner*, idem, *inferred*. Na frase seguinte, "resistência" traduz *Resistenz*, que não deve ser confundido com *Widerstand*, usado por Freud para denotar o conceito psicanalítico de dificuldade ou oposição ao conhecimento do inconsciente; esse termo alemão é mais abrangente que aquele, tem mais sentidos figurados.

3 [Spontanheilung einer Katatonie (Cura espontânea de uma catatonía)] *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. 2, 1914.

4 Sobre a diferença entre elas, ver o ensaio sobre "Os instintos e seus destinos".

5 Até agora o ponto de vista econômico recebeu pouca atenção nos trabalhos psicanalíticos. Uma exceção é o artigo de Victor Tausk, "Entwertung des Verdrängungsmotives durch Rekom-pense" [Desvalorização por recompensa do motivo da repressão], *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. 1, 1913.

* "Representação inconsciente (da coisa) do objeto": "*unbewußte (Ding-) Vorstellung des Objekts*". Freud usa o sinônimo *Ding*, em vez de *Sache*; ver nota sobre a versão de *Wortvorstellung* e *Sachvorstellung*, em "O inconsciente", p. 146.

* "Situação": *Verhältnisse* — o termo *Verhältnis* (no singular) significa "relação" (também amorosa); já o plural, aqui usado, tem também os sentidos de "situação, circunstâncias"; por isso as traduções consultadas variam: "relações", *circunstancias, proporciones, circostanze, situation, rapports, situation*.

6 Ver prosseguimento deste exame da mania em *Psicologia das massas e análise do Eu*, 1921 [cap. XI].